

In nomine domini Amen  
 Nos Manuel p. gratia d. h. i. p. n. i. n. g. u. l. l. e. c. a. b. o.  
 alcaide de Sagor e Balon, mar. d. a. f. e. n. a. g. o. r.  
 e. g. e. r. e. m. a. n. d. a. m. o. s. a. b. o. e. d. e. r. e. l. e. p. r. a. b. i. t. o.  
 d. a. m. o. r. a. C. i. d. a. d. e. l. l. i. p. b. o. a. c. a. s. f. f. u. a. n. d. o.  
 e. f. r. i. o. q. u. e. l. e. b. e. n. d. i. m. e. n. t. o. d. e. l. l. a. d. e. f. t. e. m. e.  
 p. r. e. s. e. n. t. e. d. e. l. l. e. d. e. a. d. e. l. l. a. d. e. l. l. a. n. o. r.  
 m. i. n. g. a. f. u. m. a. l. e. g. e. n. t. a. C. a. p. i. t. u. l. o. p. e. r. o. m. e. l. p. e.  
 q. u. e. e. s. t. e. m. a. n. d. a. m. o. s. d. a. r. c. o. d. i. t. o. a. m. o. d. i. c. o.  
 q. u. e. d. e. l. l. a. s. t. i. m. e. n. t. o. d. e. l. l. a. d. e. f. t. e. m. e.  
 v. o. s. f. a. z. e. r. e. c. o. m. p. a. r. t. i. d. a. d. e. l. l. a. d. e. f. t. e. m. e.  
 c. a. s. t. a. r. e. e. l. l. e. e. f. e. r. e. n. t. e. e. n. p. a. r. t. e. e. d. e. l. l. a.  
 e. a. m. a. n. d. a. r. e. e. n. t. r. e. g. a. r. n. u. m. d. a. m. o. s. d. e. l. l. a.  
 l. e. n. a. d. e. l. l. a. c. o. n. t. r. a. d. e. l. l. a. d. e. l. l. a. n. o. r.  
 e. l. l. a. m. e. d. e. l. l. a. s. o. m. a. n. d. a. m. o. s. l. e. m. e. n. t. o. s.  
 d. e. l. l. a. s. t. i. m. e. n. t. o. s. d. e. l. l. a. d. e. f. t. e. m. e.  
 e. l. l. a. s. t. i. m. e. n. t. o. s. d. e. l. l. a. d. e. f. t. e. m. e.



In nomine domini Amen  
 Nos Manuel p. gratia d. h. i. p. n. i. n. g. u. l. l. e. c. a. b. o.  
 alcaide de Sagor e Balon, mar. d. a. f. e. n. a. g. o. r.  
 e. g. e. r. e. m. a. n. d. a. m. o. s. a. b. o. e. d. e. r. e. l. e. p. r. a. b. i. t. o.  
 d. a. m. o. r. a. C. i. d. a. d. e. l. l. i. p. b. o. a. c. a. s. f. f. u. a. n. d. o.  
 e. f. r. i. o. q. u. e. l. e. b. e. n. d. i. m. e. n. t. o. d. e. l. l. a. d. e. f. t. e. m. e.  
 p. r. e. s. e. n. t. e. d. e. l. l. e. d. e. a. d. e. l. l. a. d. e. l. l. a. n. o. r.  
 m. i. n. g. a. f. u. m. a. l. e. g. e. n. t. a. C. a. p. i. t. u. l. o. p. e. r. o. m. e. l. p. e.  
 q. u. e. e. s. t. e. m. a. n. d. a. m. o. s. d. a. r. c. o. d. i. t. o. a. m. o. d. i. c. o.  
 q. u. e. d. e. l. l. a. s. t. i. m. e. n. t. o. d. e. l. l. a. d. e. f. t. e. m. e.  
 v. o. s. f. a. z. e. r. e. c. o. m. p. a. r. t. i. d. a. d. e. l. l. a. d. e. f. t. e. m. e.  
 c. a. s. t. a. r. e. e. l. l. e. e. f. e. r. e. n. t. e. e. n. p. a. r. t. e. e. d. e. l. l. a.  
 e. a. m. a. n. d. a. r. e. e. n. t. r. e. g. a. r. n. u. m. d. a. m. o. s. d. e. l. l. a.  
 l. e. n. a. d. e. l. l. a. c. o. n. t. r. a. d. e. l. l. a. d. e. l. l. a. n. o. r.  
 e. l. l. a. m. e. d. e. l. l. a. s. o. m. a. n. d. a. m. o. s. l. e. m. e. n. t. o. s.  
 d. e. l. l. a. s. t. i. m. e. n. t. o. s. d. e. l. l. a. d. e. f. t. e. m. e.  
 e. l. l. a. s. t. i. m. e. n. t. o. s. d. e. l. l. a. d. e. f. t. e. m. e.

# EPISÓDIOS DO REINADO DE D. JOÃO II NUM MANUSCRITO DO PALÁCIO DA AJUDA (1538)

Transcrição de Filipe Alves Moreira  
SMELPS/IF/Universidade do Porto  
Bolsheiro da FCT

## Resumo

1538

Edição de um conjunto de episódios sobre D. João II que constam de uma cópia da *Crónica de D. João II* de Garcia de Resende, dos fundos da Biblioteca do Palácio da Ajuda.

## Abstract

1538

Edition of narratives on King John II which are found in a manuscript of the Library of the Palácio de Ajuda containing a copy of Garcia de Resende's *Crónica de D. João II*.

Biblioteca da Ajuda, 47-XIII-26

© *Fragmenta Historica* 3 (2015), (115-128). Reservados todos os direitos. ISSN 1647-6344

## 187 Documento

[fol. 226r] Acrecentamento de capitulos por alvaro do couto de vasconcellos que elle fez

Do que aconteço a Johão do porto capelão delRey que ora he bispo de targa com elRey

Era ElRey tam cheo de honrrar aquelles a *que* queria bem que em todallas cousas em que lhe podia dar honrra nam lhe esquecia de lha dar E semdo Joham do porto que agora he bispo de / [B] taargua seu capelão pessoa a que elle tinha affeyçam E a que queria bem vimdo elRey hũ dia per mar em baateel polla Ribeira de Lixboa affastado hũ pouquo de terra Enxergou E vio antre algũa gente de cauallo que a beira do mar estaaua A Joham do porto E disse nam he aquelle Joham do porto dysseram algũus que o conheceram *Senhor* aquelle he Disse elRey Rema ha teerra E mamdou ho chamar E em chegamdo ao bateel lhe disse ElRey Ja vos cuydaues que auires de ffcicar hora Entray caa E Jsto cõ tal vontade E amor como se agora poode fazer a hũ *senhor* de titollo E esta era ha propia cõdiçam E vontade delRey de honrar aquelles a *que* bem queria E nem se pasamdo muytos dias em Lixboa Adoeçemdo Joham do porto E partimdosse ElRey pera Setuual mamdou cha // [fol. 226v] mar a ffernão Lourenco da myna E encomemdoulhe E Rogoulhe que lhe mandasse curar muyto bem delle E ffello aSi ffernão Lourenço com tanta delygençia e võtaade como se ffora por dar vida ha hũ *filho* seu de maneyra *que* dahy a poucos dias ho dito Johão do porto se ffoy a setuual homde elRey almda Estauua Ena capeella lhe beyJou a mão E perguntamdolhe ElRey por sua saude E como ffora curado E vysytaado de ffernão Lourenço Elle lhe disse que no parayssso ho nam podeera ser mylhor E por ho dito *Joham* do porto Ajmda estar Amarello algũ tanto E ssem cor ElRey tanto pollo hõrrar como por lhe parecer que estaaua ainda ffraco chamou hũ moco da capella E lhe mamdou dar hũ escabello em *que* se aSentou E assy erãao tratados E homrraadoss Aquelles a que tynha affeyçam que em tudo mostraaua / [B] ho que nam podia escõder de sua boa comdicao Sem perder nada de sseu estado

Do que ElRey diSe E escreueo per sua carta a dom joham de menesses

Depois que a gramde dessauentura Se aqueceo da morte do príncepe de que elRey amdaua ffora de sseus semtidos soube em como dõ Joham de menesses se queria hir foora de sseus Reynos por tam dessestraado casso lhe acontecer na moorte do príncepe seu *senhor* pareçemdolhe que asy a elRey como a todo ho mundo que o conhecesse avorreçeria sua vista E como muy bõ ffdalguo E syngullar pessoa sentia tamanho casso pareçemdolhe que não era Rezãao que parecesse no mũdo pressente

---

<sup>187</sup> Nota de apresentação: Editam-se aqui um conjunto de episódios e pequenas histórias centrados na figura de D. João II. Acham-se eles num manuscrito da Biblioteca da Ajuda, com a cota 47-XIII-26, que contém uma cópia da *Crónica de D. João II* (assim mesmo intitulada) de Garcia de Resende, cópia essa feita por Álvaro do Couto de Vasconcelos e terminada em 20 de junho de 1538. Os referidos episódios surgem logo após a conclusão da crónica e são da mesma mão que esta. Alguns deles aparecem, com variantes, nas edições impressas da *Crónica* de Resende; outros são conhecidos através de fontes posteriores (v. g. o caso de Águeda Lopes, relatado na 3ª parte da *História de S. Domingos* de Fr. Luís de Sousa), mas com diferente redação, e os restantes, creio-os ainda desconhecidos. Álvaro do Couto de Vasconcelos produziu uma série completa de cópias manuscritas, de primorosa execução, das crónicas dos reis de Portugal redigidas por Duarte Galvão, Rui de Pina, Fernão Lopes, Zurara e Garcia de Resende. Os manuscritos desta série encontram-se, hoje, quase todos na Biblioteca da Ajuda, sendo a cópia da *Crónica de D. João II* de Garcia de Resende um deles. É muito para notar que este é o único testemunho conhecido desta obra anterior à edição de 1545; o cotejo do seu texto com o dessa edição (e posteriores) revela a existência de algumas importantes divergências, dignas de ponderado estudo. Afirmou-se, em tempos, que Álvaro do Couto de Vasconcelos foi autor de crónicas. Não há razão alguma, porém, para lhe creditarmos um papel diferente do de copista, exceto, porventura, no que se refere a alguns dos episódios que seguem. Principais critérios de transcrição seguidos, segundo propostas de Avelino Jesus da Costa (*Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, Coimbra: FLUC/IPD, 3.ª ed., 1993).

nynguem Determynou elRey de // [fol. 227r] lhe escreuer como lhe escreueo hũa carta de grandes comssollações E a sostança della cõ muytas E boas palavras Era que a elle ffora dito *que* sua determynacam era hirsse ffora de seus Reynos polla dor E ssentimento que tinha do dessestrado casso E morte do *príncipe* seu ffilho Que elle lhe encomendaua E mandaua que tal não ffezesse por Elle não perder dous ffilhos .S. hũ que elle geerara <*que* lhe *Deus* Leuara> E outro que elle criara E que se viesse loguo a corte sem detença E que tantas perdas nam seria Rezão que elle ouuesse E estas erão as gramdezas E simgullar comdiçam delRey pera os seus criados E vassallos que como ffilhos os criaua E extimaua E mostraua o bem que lhes queria

Do Que ElRey / [B] diSe pello caSo do Seu porteyro moor que Seaconteeço com fernão Rybeyro caualeyro de Sua casa

Estando ElRey em abrantas aqueceo que ao entrar de hũa porta de hũa camara em que se elRey vestia ouue ho porteyro mor gomez ferreyra Rezões com ffernam Ribeiro caualeiro de sua cassa vallente homem de sua pessoa E a que elRey tynha boa vontade das qoões rezões ffycou ho dito ffernam Ribeyro muyto de queebra E por se ver myngoado de sua honrra com mas palaauras E ffeas que lhe o dito gomez fferreyra diSera Determynou de ssatisfazer a sua honrra E de se vimgar E pera Jssso pos hũu cauallo Amtre a guerreyra E a villa de tomar E em çima doutro saltou com elle na praça da dita villa dabramtes com hũa cana na mão // [fol. 227v] E com ella lhe deu E o JnJuriou E acolhemdosse camynho de tomar canssoulhe o caualo de maneyra que se meteo na guerreira vemda mea legoa domde o sseu cauallo a diäte estaaua E dentro na vëda achou hũ *gonçalo* priuaado natural do porto muy bom caualeyro ho qual pello assy ver determynou de o aJudar a deffemder na torre da dita vemda de muytos Inffimdos ffidalguos E a mor parte da corte que tras o dito ffernam Ribeiro vinhã E deffemdemdosse per muyto grande espaço os dytos ffernam Ribeyro e *gonçalo* pryuado E assy hũ sseu homẽ E vemdo *que* os nam podião Entrar hos que os combatiam disseram hos *príncipe*es ffidalgos que ahy vinhão ffernam Ribeiro dayuos *que* não queremos mais de uos que Leuaruos a elRey E estes todos parentes do dyto gomez ferreyra E que lhe dauão suas ffees todos que *nenhũ* noJo nem JnJuria lhe ffezessem E fiamdosse o dito ffernã Ribeiro em eles se deu / [B] E Lançou as armas ffora da mão assy elle como o dito *gonçalo* priuaado E elles tanto que o teueram em seu poder ho tomarão E tosquyaram E JnJuriaram E o deixaram E sse tornarão pera abrantas E elRey sabemdo a maneyra *que* com elle teueram peSoulhe de coussa tam mal ffeyta E *nenhũa* coussa procurou de aver ho dito ffernam Ribeiro a mão nem de lhe nada mamdar ffazer Antes ao outro dya dysse a messa em pubryquo Que queria oje antes ser ffernam Ribeyro JnJuriado que os *que* cuydam *que* ssão dele vinguados E desta maneyra extimaua elRey os bõos caualleyros e vallentes homẽes que aviam de ssaber dele que os conheçia por esses

Do Que acomteeço a elRey cõ // [fol. 228r] ho marydo dagueda Lopez que esteue na fforca bj oras *capitollo* [sic]

Estando ElRey em sintra Aconteçoosse em lixboa que hũa molher per nome agueda Loopez por cometer Adulterio a sseu marido ffoy Julgada que morresse na fforca E leuada A emfforcar E posta na fforca Esteue nela das onze oras atee As cimquo depois do *meio* dia E vimdose todaa Jente E damdoa por moorta tornamdo A cleresya E Jente A tiraram da fforca E a leuaram A enterrar E tiramdoa do leyto e lançamdoa na coua Ella agueda Loopez começou a bolyr com hũa mão E vista per todos a leuaram a sã domynguos dentro no leyto por lhe acharẽ eSprito E baffo E quëtura E de sam domỹ // [B] guos secretamente aquela noute a leuaram ao moesteiro da cheelas honde estamdo ix messes veyo a sua perffeyta ffaala E guareço E viueo mylagroossamente E tanto *que* ho marido ho ssoube E como era ffoora E leuada de ssam domynguos se ffoy a ssyntra homde elRey estaua ffazemdo lhe queyxume das suas Justicas que consentiram tirar lhe sua molher da forca viua sem a deixar morrer E a meterem em ssam domỹguos por lhe valer a Jgreja E que nam era Rezam que lhe valesse pelo adulterio que lhe

cometera por homde fora Julguado que morresse moorte natural na fforca que pedia a sua alteza que lhe ffezeesse Justiça E a mamdaasse outra vez enforcar E sse não tirasse da fforca atee nam morrer como era sentençeedo E elRey que não era aJnda do casso ssabedor Escreueo a cidade as Justicas .S. dessenbarguadores corregedores que loguo // [fol. 128v] lhe eScreuessem com muyta delyJençia como ho casso daquela molher passaua e eScreuemdolhe que pasaua da maneyra que dito he Dysse ElRey ao marido da dita agueda lopez desta guysa Amyguo se noossa *senhora* cuJa deuota essa molher he E do sseu Rossayro quys ffazer esse mylaagre tam evidente por ella Eu não posso hir contra ho que ella fez E o de que ella ffoy E he seruyda E porem hũa coussa vos diguo pomdeuos vos na fforca emfforcado outras sseis oras como ella esteue E se vos viuerdes Eu vola mamdarey Enfforquar Outra vez E ffarey a Justiça que me pedijs E he certo que esta agueda loopez despois que ssoube Rezar Este Rossayro de noossa *senhora* numqua se lamçou na cama sem o ter Rezaado Em todos hos dias de sua vida por preesa nem ffadigua nem Enffermydade que teuesse nunqua deixou de o Rezar E por Jssso quys nossa *senhora* por / [B] mais nossa deuação mostrarnos este tamanho mylagre E segumdo seu testemunho E dito della agueda Lopez des *que* ssahio da cadea do lymoeyro atee a fforca numqua duas molheeres Jnyssyuees A deyxarão E dizia ella que hũa a leuaua polo braço dereyto E outra a leuaua polo ezquerdo E com a mão no coração ambas vestidas de Retas vestiduras brancas E que na fforca depois de emfforcada lhe tinham anbas as palmas das mãos tendidas E os pees dela dentro nas palmas ho que ella agueda Loopez despois uiuemdo por muytos anos muy santamente E com muyta proueza E austynençia contaaua E affirmaua dizemdo que estas duas molheeres que assy Aconpanharam não podiam sser senão nossa *senhora* a *que* ela ssenpre Rezara em todollos dias de sua vida ho // [fol. 229r] seu santo Rossayro E ssanta Caterina de que ella era muyto deuota

Do que aconteçeo a elRey estamdo ã sintra com huũ boõ caualeiro que vyera dafrica E com hũu fydalgo sobre hũa pousada *capitollo* [sic]

Estamdo ElRey em sintra avia tres ou quatro dias que ffora de Lixboa Açertousse de vir hy ter hũu bõ caualleiro vallente homẽ de sua pessoa E bem conhecido delRey por tal Ao qual mamdou ao apoussentador que lhe desse hũa poussada ha qual lhe foy dada loguo E ao dia seguynte Açertou hũu ffidalguo de vir com sua gente e suas bestas E cama e todo seu ffato ho qual se vinha a mesma poussada dizemdo que Jaa per vezes pouasaara na / [B] dita poussaada que loguo se ssaysse della senam que a ele e a sseu ffato lançaria ffora per a Janella E o caualeiro com boas pallauras E cortesses lhe dyzia que ho não quysse dessonrrar nem JnJuriar porque elle sse não metera naquela pousada senão per mão do apoussentador Ao qual ElRey mandara *que* lhe desse hũa poussaada E lhe deera aquella que elle fydalguo ouuesse essas Rezões E paixões com o apoussentador *que* o ally metera Que elle sse não avia de ssayr della Em *nenhũa* maneyra Que disese elle ao apoussentador que lhe deesse outra poussaada E *que* elle dandolha sse sayria daquella pois dezia que Jaa poussaara nella E o ffidalguo *nenhũa* Rezam podya nem queria conhecer senão que a elle E ao ffato avia E queria Lançar polla Janella ffoora E loguo comecou a mandarlhe que // [fol. 229v] brar as portas da poussada com muyta pressa E com muytas mas pallauras E descorteses E o caualleiro quamdo se asy vio combater thomou hũa lança E hũa adagua Enbraçada E ssaltou na Rua com elle E cõ muytos parentes E criados que cõ ele ffidalguo estauam E comecou hos a Leuar polla Rua abayxo de maneira que os pos em ffogida E tornouse pera pousada E ao houtro dia polla manhã ffoysse fazer queixume a elRey E contoulhe A estoria como passaara E elRey loguo nesse Jstante mamdou chamar aho ffidalguo E ele vimdo mamdou ao caualeiro que contasse a estoria e caasso como passara E comtando todo asy como ffora dyzemdo como desseJara de lhe chegar com a lança E elRey lhe disse per esta manej / [B] ra E muyto Earaama [sic] E porque lhe não Achegavees achegavees [sic] que asy se *quer* a ssoberba As poussaadas que eu mãdo dar aos que me tam bem seeruem cõ gasto de suas ffazemdas E Risco de suas pessoas tam perto da morte todallas oras E momentos querees vos thomar com tanta ssoberba E atryuymento hora vos vos hy loguo meter no castello de torres veedras E delle não ssayaees [sic] atee mynha merçee E a esse caualeiro

pagarees logo cem cruzaados E agradeçey a *deus* achardees me agora tam brando porque<sup>188</sup>as soberbas ssão dynas de mayor castiguo que este que vos eu agora dou E desta guysa estranhaua elRey as coussas que sse a // [fol. 230r] sy ffazião soberbamente E per tal maneyra folgaua com os bõos caualeiros como aquelles taees ssoffridos e bẽ Ensynados E pouquo brigoossos porque os *que* eram aleuantaados como aquelle ffidalguo ffoy Eram muyto aborreçidos delle E acreçentauam muy pouquo em sua honrra ffama E ffazemda com ElRey E porem ho ffidalgo esteue no casteello qoatro ou çimquo meSes E per grandes Rogos de senhores ssayo delle *que* nam lhe querya ElRey perdoar E ao caualleiro ffez muyta merçe

Do Que aconteçeo a elRey com dyeguo daguyar veador da duquessa de bragança dona Jssabel molher do duque dom fernãdo que degollaram *capitollo* [sic]

Quando / [B] ffoy a prissão do duque de bragamça dõ fernãdo ho que degolarão mamdou elRey tomar poosse de todas as villas E fortallezas *que* o duque tinha Antre as quaees era hũa dellas monfoorte antre teeJo e Odiana da qual villa E fortalleza era alcaide moor della diego daguyar homẽ de conta bõo caualleiro E esforçado de sua pessoa ho qual nunqa quys obedecer nem dar a dita fortalleza per mais que Requerido fosse da parte delRey *que* a deese E semdo Ja todas dadas E Eëtregues mais leeuemente do *que* nunqa ElRey nẽ todo Reyno cuydase diego daguyar sempre teue mão na dita fortalleza e villa de monfoorte sem obedecer a partido nẽ a coussa que cometida lhe fosse dizemdo *que* não avia elle de ser nẽ parecer cõ os treedores desleaees Rapazes maaos que tão asynha perderão a lyaldade E amor ao duque seu *senhor* E atee que não vise seu asynado e de sua propia mão E mãdado delle seu *senhor* que a não avia dentregar a dita fortalleza E que nella avia de morrer de maneyra *que* primeiro *que* a entreguase se pasarão dias atee que vio asynado do duque E mandado espeçial *que* a entregase a elRey E depois da morte do duque ha muytos dias ElRey mandou chamar o dito // [fol. 230v] dieguo daguyar Requeremdohe E Rogamdohe que quyseese viuer cõ elle dizemdo que dos taees E tão leaaees caualleiros como elle era Elle queria E desejava E folgaria de se seruyr E diego daguyar sem lhe por Jso beyjaar a mão lhe disse por estas pallaauras *Senhor* eu me espanto muyto quererse v. a. seruyr de hũu homẽ a que vos matastes seu *senhor* asaz de maa consollação lhe daees Eu certo *senhor* não vos cõselharia que vos de my seruysses nem de nenhũu sseu criado E com jsto se despedio delRey E a elRey pessou muyto E lhe ficou mais devaçãao de sse seruyr delle por o ter por tão fiel E tão bõo homẽ como Jsto

E seruymdo ho dito diego daguyar a duquessa de braagança molher do dito duque de bragança dahy a tempos de seu veador Aconteceosse que mudandosse a duquessa de ourẽ pera porto de moos no camynho vimdo o dito dieguo daguyar com seu ffaato Açertousse de hũa cargua de hũas arcas de cousas perigossas pemdia a hũa parte pera cayr E o azemel hia tomado do *vinho* E o dito dieguo daguyar bradando cõ elle lhe começou a chamar bebado E vilão Roym porque não acudia a cargua E o vilão azemeel lhe Respomdeo que era mylhor / [B] homẽ que elle E elle dieguo daguyar o Leuou cõ os peytos do cauallo E o deRibou e o vylão azemel se leuanto E aRancou da espada E lhe cortou hũ acor que leuaua na mão pello meo E tres dedos da mão E dieguo daguyar aRamcou da espada E lhe deu hũa soo cuytellaada que o cortou pello meyo todo E as tripas E deu com elle no chão em dous pedaços a *senhora* duquessa quyseera E lhe Requereo que se ffosse pera casteela atee se liurar que por estar de queebra com elRey lhe parecia *que* por amor dela o tratarya mal E elle o não quys fazer Antes lhe dysse que avia de seruyr E que por elle fazer ho que devia se não avia de hir

E dahy a tempos vimdo elRey hũu dia dos paços de ssantarem pera sãta crara pera visitar a duquessa que ahy estaua passamdo são ffrancisquo na ponta do olyual lobrigou E vio de Rosto ao dito<sup>189</sup> *diego* daguyar que vinha de samta crara E quyserase tornar E volver atras e elRey ho chamou per seu nome E lhe disse dieguo daguyar ssoes vos Ja Liure daquelle homẽ que vos mataastes E elle dieguo daguyar lhe

<sup>188</sup> Passagem danificada

<sup>189</sup> Riscado «este»

Respondeo *senhor* nam E elRey o leuou consigo E o entregou ao *prior* do crato dõ dieguo dalmeyda // [fol. 231r] E a fernão ruiz mazcarenhas capitam dos gynetes *que* o teueesem cõsygo atee elle fallar a duquesa E nada lhe falou do casso a duquesa E depois de se tornar pera os paços ho mamdou meter dentro na camara comsiguo E despejado de todo se não ssoo com elle o *prior* do crato deu a campaynha E mãdou chamar domymgos gueedez meyrinho E Jsto alto *que* o ouuyo dieguo daguyar E domynguos gueedez meyrinho Entrãdo dentro na camara honde elRey estaaua E os outros E dieguo daguyar deixou cayr a capa E pos a mão na espada muyto Enfiado E elRey em voz alta disse dieguo daguyar estay quedo não bulaees comvosquo E não ajaees medo per duas outras vezes E entam dise elRey domynguos gueedez Eu vos mando a vos E a todas as varas de mynha Justiça *que* não prendaees a dyeguo daguyar por *nenhũa* coussa que ffeyta tenha E dieguo daguyar se lhe lançou aos pees E lhos beijou E se espedio delle E dizemdolhe elRey *que* lhe queria ser bom amyguo E da [sic]

E dahy ha pouquos dias tornou elRey aver a *senhora* duquesa E ella lhe beijou as mãaos polla merçee / [B] *que* fezeera a dieguo daguyar E elRey lhe disse que lho mandasse ally chamar E vimdo lhe disese *que* pera *que* apanhara a espada per ante elle *que* lhe disese a verdade *que* determynação hera a sua E elle diego daguyar lhe disse que Jaa sua alteza lhe ffezeera merçe *que* pera *que* era mais pergũtallo E elRey tornou a preefiar cõ elle dieguo daguyar *que* lhe disesse a verdade *que* determynação era a sua E dieguo daguyar dise *senhor* pois me perguntaees polla verdade E querees *que* volla dygua mynha determynaçam era defenderme E morrer honrrado pois avia de morrer E a duquesa se alleuãtou E lhe dise ho mao homem Jso avees de dizer a elRey nosso *senhor* não tendes Reçeo E themor de *deus* E delle E de terdes tal cousa dito E elle dieguo daguyar lhe disse *senhora* não pojs me pergunta polla verdade E elRey lhe disse *senhora* não tenhaees *nenhũa* duuyda *que* por conhecer delle ser aquella sua tençam E determynação por Jso lho perguntey per ante vos E porem dieguo daguyar essa era determynação de muy bõ caualeiro E de muyto bõ homẽ E porem mynha determynação era perdoaruos como vos perdoey E cõ toda esa determynaçam *que* entã tinhees Eu vos perdoho E vos farey merçee porque era de bõ homem E esforcado caualleyro como o ffezeera asy seu fora vos E assy pa // [fol. 231v] Saua elRey as culpas aos bõos homẽes e esforcados caualeiros *que* Em tanta e tão boa conta os tynha E os estimaua E lhes ffazia merçes avantejaadas<sup>190</sup>

Do Que acõteço a elRey cõ almaadel Judeu de coynbra sobre o *bispo* de coynbra *capitollo* [sic]

Estando ElRey em ssantarem lhe ffoy dito em segredo *que* o *bispo* de coymbra semdo taão vertuosso como he ffazia algũas coussas ffora de seu guosto E de *que* a elle Rey muyto pessaaua pello goal açertou de amdar ahy ahy [sic] na corte em negocio hũu Judeu de coynbra per nome almaadel muyto avissado E de bõ saber E elRey o mamdou chamaar E o mamdou / [B] aa dita cidade muyto Encubertamente pera *que* soubeese muy secretamente todo o *que* o dito *bispo* ffazia<sup>191</sup> fazia [sic] E lhe tornasse a dizer ho *que* ssoubesse E entendesse E prosseguya adiãte naquyllo em *que* elle leuaua desgosto E o Judeu tornaado a dyzer a elRey o *que* achaara E sentira ffoy entemido per os parentes do *bispo* como ho Judeu ffora a espiar e saber o *que* o dito *bispo* ffazia E pessamdolhes muyto foy por eles ameaçaado E ã oussaaua de sse tornar pera coynbra com medo semdo Ja despachado avia muytos dias delRey de todos sseus negocios *que* viera ffazer E ssabido per ElRey como almaadeel se não partia cõ Receo e medo dos parentes do *bispo* temdolhe contado ho Judeu todallas ameaças *que* lhe erão ffeytas estamdo hũu dia ElRey a hũa Janeella assynãdo com todollos officiaees e despachadores E com muytos ffidalguos E cauleyros e muyta outra gente E antre eles muytos parentes do *bispo* E o conde dabrantes E o *prior* do craato E outros Açertou de passar pelo terreyro do paço ho Judeu almaadeel E elRey o chamou E lhe disse almaadeel almda aquy amdas por // [fol. 232r] *que* te não vas E o almaadeel lhe Respomdeio *Senhor* como me hirey pois me dizem *que* me am de matar E *que* a mais pequena posta

<sup>190</sup> Segue-se texto riscado: «Eneste ano de myl E quatrocentos E oytenta E tres na coresma em Almeyrim Amdando a *Rainha* dona Lianor prenhe»

<sup>191</sup> Escrito inicialmente «sabia».

de m̃y hade sser a orelha E elRey lhe Respomdeo almadel vayte emboora E partete loguo que tu não as de morrer ssenam quamdo *deus* quysser E sse alguém quyser que tu primeiro mouras perderaa tanto como tu perderes a vida E logo te parte E te vay E Jsto asy dito perante todollos parentes do *bispo* que muy bem ho ouuyrão E desta maneyra queria ElRey ser themydo que não ousaaua de dar sseguros Reaes muytas vezes se não por coussas muyto altas E suas palaauras erão tam ouuydas E tão acatadas E goardadas como hos synaes e ssellos seus E de todollos príncipes Jutos de todo o mundo E certo que *nenhũ* não oussou de bolyr com o Judeu almadeel que viueo depois muytos annos E acabou sua vida quando *deus* quys

Do Que aconteçeo a elRey com vasco palha Em almeym sobre os dizimos que não pagaua dos que lhe *deus* daua a JgreJa /

[B] Era ElRey dom Joham tam Inclinado a pareceremhe males sem Rezões em que a Justiça ha lugar de castiguo que asi nas coussas do secular como nas do eclesiastico em tudo atentaua E a fazia E emmendaua compridamente Ajmda que queixumes nem Lenbranças dellas lhe não fezeessem E ssoo de as ouuyr dizer atentaua de as Emmendar como era Rezão Estamdo elRey em almeym veyolhe as orelhas ter que vasco palha fidalguo de sua cassa E abastado de assaz fazemda se não dizimaua como era Rezam e se deue a *deus* pollos fruytos e béis e merçes que nos delles faz [*sic*] E que domde avia de dar dez moyos de dizimo do pão que colhia que daua e pagaua com poucas carregas muyto menos do que era obrigado a dar gramde cantidade E por se elRey disso çerteficar Armou pratica sobre a muyta cantidade dos moyos de pão que os Lauradores de cordoua laurauão E colhiam E falamdo yssou elle com algũs fidalguos a sua messa E estamdo ahy vasco palha E Rimdosse muyto da cantidade que diziam que os ditos Lauradores colhiam Elle dito vasco palha disse que colhia as mays das vezes mayor cantidade as duas partes que aquella E elRey lancou mão do que elle dizia E gloreamdosse de lho ouuyr dizer por sua boca lhe disse que bem Rem // [fol. 232v] deria a JgreJa de que elle fosse fregues pois de tanto quãto elle colhia lhe pagaua tanto dizimo E vasco palha disse a elRey que asy de taees freguesses como elle Avya ahy poucos que tanto dizimo deessem E elRey muyto seguro E disymullado Reçeebo sua Rezão E dahy a poucos dias mandou ao corregedor da corte estamdo vasco palha na sua bigoaria da goucharia homde elle lauraua senpre esta cantidade de moyos que fosse assantar E fezeesse penhora a vasco palha em dous myl *cruzados* se tanto achase em sua fazemda E feyta a dita penhora ho dito vasco palha se foy Loguo a queixar a elRey dizemdo que porque lhe mamdaua fazer penhora em sua fazemda E elRey lhe disse que porque se dizimaua muyto mal E que elle mesmo o confessaua E asy sse dizia na JgreJa de ssanta cruz de que elle era fregues que daua ao dizimo o que queria E menos as duas partes do que avya de dar pelo que antreuyerão algũs señores E fidalguos *príncipeas* E por amor deles pagou menos algũa cantidade do que avya de pagar E porem não foy tam pouqua que elle não paguasse tamto de que a JgreJa de ssanta cruz E a JgreJa dalcacoua ouuerão tanta copia de que sse fezerão calezes patanas E turjbullos E outras pecas de prata E as mylhores que oje em dia tem E outro tanto como cada hũa dellas o arcebispo de lixboa cujas terças / [B] da dita JgreJa de ssanta cruz tem .S. a JgreJa a JgreJa [*sic*] dalcacoua hũa terça E o arcebispo outra E asy que o ssanto Rey dom Joham em totalas coussas malfeytas emmendaua E punha a mão com castiguo de pay das Almas dos taees Que nẽ hũa coussa destas em sseu tempo sse passaua sem bõ castiguo

Do Que Aconteçeo a elRey cõ a Rainha dona Lyanor sua molher em Euora

Estando ElRey em euora avemdo qoatro anos que Reynaua Aconteçeo que estamdo em hũa camara com os do sseu conselho em coussas que lhe muyto Jmportauam a Raynha dona lyanor sua molher comfiando em sua gramdeza E ssaber E no muyto amor que lhe elRey tinha bateo a porta E entrou dentro homde elRey asy estaua com todos fazemdo sua obra no que lhe Releuaua he quamdo asy vio a Raynha E sua determynaaçam que era estar ally no conselho Elle se alleuantou muy preestesmente E com toda a cortessya que lhe devya e era // [fol. 233r] Razam E depois de sua Reuerencia feyta lhe dise

elRey *Senhora* que he Jsto que querees E ella de muyto cõfiada parecemdolhe que poderia ally estar com elles lhe disse *Senhor* vinha pera ver Jso que faziees E a maaneyra que no consselho *senhor* temdes E elRey a tomou polla mão E leuando a sua camara lhe foy dizendo *senhora* em *nenhũ* conselho de Reix ã de *príncipes* numqua se costumou nem costuma estarem Raynhas nem *prínças* nelle nem mulher de *nenhũa* qualidade que sseja E por Jso *senhora* vos me perdoay porque não quero eu Em *tempo* de meu Reynado tal costumar nem ser o *primeiro* que tal costume deixe em elle E então a deixou em sua camara E sse tornou ao conselho homde foy muyto Louuado de todos E como o era em totalas coussas que fazia como muy Jnteiro ssabedor E avissado *que* era que numqua em sseu *tempo* nem neste pressente se pode mais achar

Do Que Aconteço a elRey com hũ seu moço da Estrebeira E com tres castelhanos *que* o vyerão buscar de casteella pera se com elle matarem

Trazendo ElRey hũ sseu moço destrebaria de que se seruya que todos tinhão por muyto vallente homẽ de sua pessoa E muyto espre / [B] mentado em cousas E feitos em que se achara chegou a fama delle a castella Em tal maneira que hũ castelhano pello conseguynte muyto valente homem de sua pessoa ho veyo buscar pera aver brigas cõ elle E o afrontar em qualquer coussa que podesse pera sse com elle matar E começou andar tras elle pera Eixecutar sua vontade e tençam E vemdoo entrar no açougue e pedir carne *que* lhe loguo deeram ho castelhano lançou mão da carne ssem a pedir ao carnyceiro dizemdo que a elle a dauão E o moço da estribeira dizia *que* a elle a dauam E não a elle castelhano de maneyra que aRancaram ambos das espadas e deeransse tantas de cuyteeladas hũ ao outro sem os que dentro no açougue estauam os poderem ambos estremar atee que o castelhano cahio morto em teerra E o moço da estribeira feerido dalgũas pontas E feridas e nam periguossas E cahido o castelhano em teerra acodirão outros dous castelhanos sseus conpanheiros que o morto comsyguo trazia E vieransse ao moço da estribeira E tam Rijo se meteo com elles E tam esforçadamente E com tal dureza que não durou pouquo espaço que loguo não deRibou hũ deles E o outro lhe tirarão das mãos muyto mal ferido E depois de os asy desbaratar E derribar o moço da estribeira sse ssayo polla porta foora do açougue apesar de toda a Justiça que Ja hy era E acudira E sse meteo na ssee E os castelhanos ficarão dous mortos que loguo morreram E o outro aleijado dambas as mãaos E dizia que o sseu pecado E o *príncipe* delles que loguo *primeiro* cahio o trouxeera aquyllo que determynadamente vyera a sse matar com elle por ouuyr // [fol. 233v] dizer que era afamado de valente homem E porem não ousamdo de desafiar<sup>192</sup> com elle lho cometera daquella maneyra antre Gente E ssabemdo elRey parte do casso E bem Enformado mamdou enterrar hõrradamente os dous castelhanos moortos E ao viuo mamdou curar ate sse ssarar o que ficou aleijaado E mamdoulhe dar çem cruzados com que se foy pera sua teerra E perdoou ao moço da estribeira E procurou ElRey de aver a mão o sseu moço destribeira ho qual se foy arzilla E dahi a algũu tenpo ho mãdou *que* se fosse ao casteello de moura E escreueo secretamente ao alcaide moor *que* o tratasse bem E favorecesse pois fezera como vallente homem E o que devya E que se partes teueesse E lhe ssaysem que elle lhe aueria perdam dellas E lhencomendou dar *dinheiro* assaz pera que despemdesse E como esteue hũ *tempo* E ssem acudirem partes ho mãdou ssoltar E o acreçentou a escudeiro E a caualleiro com honrra de moradia que lhe nouamente pos E lhe fez muytas outras merçes E o trouxe dally em diante em grande conta E estas erão as fñs e bõos cabos que elRey daua aos vallentes homẽs E que elle conheçia por taees

Do Que ElRey dise por dieguo daguyar alcaide moor da villa de Monforte E pollos outros alcaydes moores das villas E fortalezas do duque por se entregarem a elle tão leeuemente na prisam do duque dom fernando /

---

<sup>192</sup> Passagem danificada

[B] Quando ElRey dom Joham mandou tomar Entrega de todas as fortalezas do duque de bragança dom fernando que elle tinha presso os alcaydes moores das ditas fortalezas as Entregarão todas sem *nenhũa* duuyda nem Embarguo que a ello possesem senam soo dieguo daguyar alcayde moor que a hesse tempo era da villa de Monforte bõ caualeyro E homem de muyta conta ho qual disse que a não avia de entregar atee não ver asynado E espeçial mandado do duque seu *senhor* como deffeyto ha nam Entregou atee lhe nam vyr o dito asynado da propia mão do dito duque seu *senhor* E comquanto ElRey folgou muyto de se lhe entreguarem as ditas fortalezas nam teue hoos alcaydes moores dellas em muyto bõa conta pollas asy leeuemente Entregarem sem *nenhũa* Resistença Que foy causa de se mais asinha antycipar a moorte do duque Que poode muy bem ser que a escussara de lha dar E lhe deera a vyda Que a entrega dellas nam comssentio E disse que muytos lhe ouuyram Que os alcaydes mores dellas Erão E se deuyam de chamar alcaydes moolles E não alcaydes moores E que soo dieguo daguyar pello que fezera em deter a entrega da dita forteleza de monforte como bõ e leal criado se deuya de chamar alcayde moor // [fol. 234r] E outro *nenhũ* nam por sua lyaldade E fyeldade E nesta conta e tam boa tynha elRey os homẽes desta calidade

Do Que aconteçeo a elRey dom Joham a hũa mesa estamdo comemdo com ffernã de llyma seu copeyro moor E da merçee que lhe fez

Estando ElRey em euora com toda corte a hũa messa comêdo na principal ssalla de seus paços Acertou a pedir de beber que lhe loguo trouxeram hũa copa daugua E em a tomamdo E vemdo a *primeyro* que fernã de lyma seu copeiro moor fezesse a salua que vinha hũ pouquo turua E emvolta lhe dise ElRey ffernã de lyma ho çeeo E o dia esta craro E esa agoa vem turva E emvolta E fernão de lyma como simgullar fidalguo leal E verdadeiro em sseu officio lançou a augua da copa toda polla boca abaixo e a bebeo toda sem della fycar lagrima Supitamente sem falar nada E depois de a ter bebida dise a elRey numqua *senhor* em mynha vy / [B] da beby couse que tam bem me soubesse pois fernão de lyma almda cada vez que nella cuydardes vos hade saber mylhor E loguo haquelle dia ou a outro lhe ffez merçee de çem myl *Reais* de tença damdolhe a entender que cada vez que no espremento que naugua fezeera cuydase lhe faria merçee como fazia E fezeera se tão ceedo ho *deus* nam Leuara pera sy E estas Eram as gentillezas que elRey husaua com os taees fidalgos que desta callydade erão E que facilmente e lealmente o seruyam

Do Que aconteçeo a elRey com hũu caualeiro de sua cassa per nome ho correa natural de ssantarem

Estando ElRey em ssantarem veio a elle a lhe falar hũ seu criado caualleiro de sua casa per nome o correa E homem a que ElRey conhecia E ssabia muy bem o nome E de que se seruyã algũas vezes E lhe disse *senhor* aquy nesta villa ha hũ homem honrrado e dos *pryncipaes* della E que tem boa fazenda E nam tem mais *que* hũa soo filha E a que eu quero muyto grande bem ha muytos tempos E que dessejo daver por molher E seu pay porque eu tenho pouco de meu nam ma *quer* dar E pareceme *que* tem em vontade de a dar a outrem porque tem mais que // [fol. 234v] que [*sic*] eu E nam *porque* seja de mylhor sangue e calydade que eu E eu sse a vejo cassar cõ outrem almda que fosse mylhor que eu certamente que me fara perder o sisso E nam o poderey conportar nem ssofrer peeco a vosa alteza que me queyra valler a este tamanho cuydado E gramde trabalho E me queyra fazer merçee de lhe mandar falar hou o mamde chamar E lhe falle *que* ma dee por molher *porque* a mereço<sup>193</sup> eu muyto bem por mynha peessoa E elRey lhe disse Eu Remediarey Jsso E temde avyso que quamdo eu caualgar vos cheguees pera mÿ E me dyzees homde poussa e affica E o nome delle E tende cuydado do que vos conpre E ele correa lhe beijou a mão E teue tal cuydado que tanto que soube que ElRey caualgaua hũa manhã se achegou perto delRey E lho lembrou E elRey fez que hia ouuyr myssa per *aquelle* parte homde o correa

---

<sup>193</sup> Segue-se palavra riscada: «muyto».

lhe dissera que o pay da moça poussaua E o leuou consyguo E foylhe fallamdo E perguntãdo coussas desvyadas do casso E tanto que ouuyo myssa caualgamdo elRey o chamou per sseu nome E o leuou outra vez polla porta do dito pay da moça E fez apartar algũus que com elle hião E passeou algũus paseos cõ elle correa fallamdohe em algũas coussas outras por *que* lhe perguntaua E despois que vyo / [B] que seria vysto do pay e da may da moça e de vezinhos e vezinhas e outros muytos Entam se foy E lhe disse daquy a oyto ou xv dias mamdaya demamdar a moça a sseu pay E quamdo elle nam quyser daruolla por molher eu farey que volla doe E entretanto que lhe a vos nam demandades se elle quyser cassalla com outrem fazeymo ssaber E prouerey nyssso E o correa dahy aos quynze dias a tornou a demandar ao pay ho qual foy muyto contente de lha dar E o foy falar a elRey E pidirlhe por merçee que quysse cassar foão correa com sua filha que era muyto contente delle pois sua *alteza* o era que sua *alteza* os cassase hao qual ElRey ssatisfiez E os foy Receber ambos a cassa cõ muyta honrra E contentamento disse E lhe fez merce a elle e a ella E a *Rainha* dona Iyanor sua molher *que* per derradeiro disse foy ssabedora lhe deu muytos vestidos e joyas honrradas E assy foy sua proeza delle ssatisfeyta E contente cõ as vertudes E gramdezas delRey dom Joham

De como ho prynçepe tomou alygrete E como fez tornar ho mestre de santiago que com duas myl lanças vinha correr a euora //

[fol. 235r] Acabado asy ho *prynçepe* de vyr de casteella homde aJnda seu pay ElRey dom *afonso* fycaua E estamdo Em eluas com sua gente veyo a euora afoRado E no mesmo dia que chegou lhe deerão noua como o mestre de santiago de casteella cõ duas myl lanças Era Entrado E estaua pousado na Ribeira do digeebe com tenção de ao outro dia polla manhã cedo vyr correr aas portas deuora sem saber que o *prynçepe* ahy estaua E o *prynçepe* quando lhe o Recado deerão fycou muy triste e agastado por nam ver em euora mais de trezentas lancas que hy estauão com o *bispo* dom garcia E não era gente pera poder Ressistir ao mestre que não viesse aa çidade ho que elle muyto sentia por se acertar ahy ssoo E pareçialhe *que* Recebya nyssso muyta ofenssa E como muyto prudemte capitãao com manha o quys Remediar pois com força não podia E loguo a noute mandou dieguo da silua de menses que depois foy conde de portalleegre E dom Johão de sousa muy valentes caualeiros e pessoas de que muyto confiaua E com elles / [B] xxx de caualo homde o mestre estaaua pousado com todo seu arrayal na dita Ribeira E de hũ outeiro que sobre a Ribeira estaua bradarão alto atee que da tenda do mestre hacudirão E dom Johão dise dizey ao mestre que estaa aquy dieguo da silua E dõ Johão de sousa com hũ Recado do princepe pera sua *senhoria* Sahio ho mestre aa porta da tenda E perguntou que querião E dõ Joham lhe disse *Senhor* ho *prynçepe* nosso *senhor* mamda dizer a vossa *senhoria* por noos *que* elle chegou oJe a çidade deuora E ssoube como vossa *senhoria* aquy estaaua com tenção de polla manhã hir dar hũa vista a cidade E que elle por amor de vos E desejar de vos ver vos quer tirar deste trabalho Que vos agradeçera muyto quererdello esperar aquy Que elle polla manhã seraa cõ vos ho mestre Respomdeio dizey *senhores* a sua *alteza* que eu lhe beyjo as mãaos que nam sabia como elle hahy estaua E que agora que o sey me parece mais Rezãao hyr Eu llaa pera o seruyr que sua *alteza* vyr caa E *que* polla manhã prazendo a *deus* serey com elle E com muyta cortessya dambas // [fol. 235v] As partes se despedirão dom johão e dieguo da silua E vyerão ao *prynçepe* Jaa despois de *meia* noute ho qual não acharão dormydo mas armado caualeiro com tochas andando polla cidade ha buscar os homẽes por suas cassas E que ssabemdo o poder do meestre de maa vontade querião ssayr E cõ o Recado folgou muyto mamdou loguo o *bispo* dõ garçia com trezentos de cauallo camynho domde ho mestre estaua E laa Em lugar pera Jssso haparelhando amdarãao toda a parte da noute trylhando todos a terra tãto que pareçera trilhaada de mais de tres myl de cauallo Em queremdo amanhecer se posserrãao Em lugar homde nãoa podessem aver vysta deles E o mestre ante manhã halleuantouse E poosta sua gente em hordem mamdou tornar sua carriaem por homde vyera E elle cõ dous myl de cauallo começou amdar camynho da cidade E vimdo asy com tenção de chegar aas poortas fforão dar na trilha da gente de que ficarão muyto espantados E / [B] quamdo a vyrão tamanha ffoy em todos tamanho Reçeyo que loguo tornaaram atras E com muyta preessa e themor partyrão camynho de casteella ffojimdo sem verem de

que fogião E passamdo pollo porto de mourãao sahio a vellos dô diego de crasto que hy estaua com çento e cimçuenta lancas E o mestre pasãdo por hũ porto muyto apressaado disse Ruy casquo a dom dieguo *Senhor* demos naquela gente que vay desbaraatada que houço hir traquejando hũas lanças cõ as outras como homẽes cortados de medo ho *que* dom dieguo loguo fez E deu RiJamente na trasseyra do mestre que Jaa era pasaado adiante E desbarathou e catiuou mais de cento de cauallo sem aver homem que voltasse atras pelo gramde medo que leuauãõ ho *prìnçepe* quamdo soube que o mestre asy se tornara ffoy muyto alleegre e muyto contente pollo asy fazer hyr E por se ver fora de tamanha vergonha como pera elle fora vyr correr aas portas deuora honde elle estaua E quando lhe deerãõ o Recado do desbarato que dom die // [fol. 236r] guo na gente do mestre fezeera folgou muyto e a Ruy caasco pollo conselho *que* deu a dom dieguo que desse nelles fez merce de cimçoemta myl *rreais* de tença E por esquecer este *capitollo* de se poer em seu luguar se pos aquy porque nam teue elRey dom João cousa feyta em sendo *prìnçepe* e em sendo Rey que nam fose digna descrever E não ser esqueçida da memoria dos homẽes tanto exçellentes forãõ

#### Do Que Aconteçeo a Duarte do casal com elRey dom Johaãõ

Duarte do caassal Era vallente homem de sua pessoa mamdou Requerer hũa coussa a elRey e não lhe fallaaua nyso E vimdo hũu dia elRey *para* comer Em euora na ssalla o vyo E perante muytos o chamou E lhe dise alto Duarte do cassal se vos temdes mãaos porque não tendes lyngoa pera me falar pois eu folguo de ouuyr quem as tem hora pois *que* tendes mãõs tende lyngoa Estas honrradas / [B] palauras lhe dise perante muytos que era bõo caualleiro

#### Do Que elRey dise a Joham falcãõ

Joham falcãõ tinhalhe elRey feyto hũa mercee E por aver dias *que* não assynaua houue ho *aluara* a maõ E pedio por mercee ao capitãao dos ginetes por ter com ElRey muyta vallia que lho asynasse laa dentro E o capitãõ Estamdo elRey asynando hũus papees lho deu E pedio por merce *que* lhos asynasse E elRey o Rompeo Em pedaços de que o capytam fycou muyto agastaado E muyto mais Johãao falcãao quando o soube E ao outro dia vyo elRey Johãao falcãao E chaamouho E diselhe E bẽ A merçe que vos eu faço mamdaees vos asynar por nynguem hora hy a hũ escrivãõ que vos faca o despacho e mo de loguo que a vos Ey eu dasynar a merce que vos faço e não ha outrem

#### Do Que ElRey fez a dom martinho de tauora //

[fol. 236v] Dom martinho de tauora filho de Ruy de soussa semdo mançebo pedio a elRey ha alcaydaria mor de fronteira que Entãõ vaguara ElRey lhe deu E elle acabado de lhe beijar a mão E ssaydo fora de cassa topou ho comde de farãõ de que era muyto amyguo E deulhe conta da merce *que* lhe elRey fezeera tam Leeuemente Loguo sem ho Remeter a *nenhũ ofycial* E himdo muyto contẽte E o conde por folguar muyto com Jssõ Entrou loguo com elRey E lhe foy por Jssõ beijar a mão E el [*sic*] lhe disse a dom martinho nam me Entendoo que não lhe dey taal E quamdo ho comde ho dise a dom martinho fycou morto E tornou a elRey E diselhe *Senhor* não me fez *vossa alteza* agora merçe do castello de fronteyra E elRey lhe tornou sy mas homem que tãõ pouquo sabe que daa conta da merce que lhe Eu faço primeiro<sup>194</sup> ao comde de farãõ / [B] que a Ruy de soussa seu pay nam he pera ter fortaleza E dahy a pouquo vagou sousseel E elRey ho mamdou chamar E sãõ o elle ssaber nem pedyr lhe fez merçe da fortaleza

---

<sup>194</sup> Segue-se palavra riscada: «que».

Do Que dise momsenhora descallas por ElRey dom Joham de por [sic] portugual ha elRey de Ingraterra

Mom *senhora* descallas Jrmão da *Rainha* de Ingraterra homẽ *príncipe* veyo ver portugual e castella E a guerra de granada E tornou por lixboa homde lhe elRey fez muyta honrra E merce E deu muy honrrada Enbarçam Em *que* foy E llaa em Ingraterra fallamdo nas coussas de qua lhe pergumtu ElRey que qual era a coussa que mylhor lhe pareçera E elle Respomdeio que vyra hũa de que vinha muyto satisfeyto ha *qual* Era ver hũ homem que mamdaua todos E nũquem mamdaua a elle E Jsto dizia elle por ElRey dom Joham ho qual foy tanto sempre contra sua comdição ser man // [fol. 237r] dado que dise hũ dia que por menos mal averia hũ Rey ser puto hou Ereeje que Erão as piores partes que podia ter que ser mãdado por nynguem E o *prior* do crato dom dieguo dalmeyda pessoa muy *príncipe* e muy haçepito a elle Estamdo elRey hũ dia em hũa pratica com outros não falando com eles E o *priol* atrauesouse E falou ElRey lhe Respomdeio Jso seraa querer mostrar que temdes comyguo valia E o outro dia estando ElRey asynamdo Encostaado a messa ho *priol* se chegou muyto por detras a elRey com o barrete na cabeça E elRey quamdo o vyo tam açerqua de sy dise alto cheguayuos pera llaa mais mays mays que o Rey nam tẽ dereyto nem Enves hou avesso nem dereyto tudo Jsto afym de nam parecer alguẽm *que* o podia governar nem mamdar E asy vyueo sempre abssollutamente *senhora* de sy atee ora de sua morte

Do Que a / [B] conteçeo ha *pero* Rossado com ElRey dom Joham

Estando ElRey em lixboa se açertou que veyo a elle hũ *pero* Rossado Escudeiro de sua cassa *que* avy [sic] muyto tempo *que* o seruya ho qual por seu bõ seruyço avia algũs anos que lhe elRey tinha dado o ofycio dalmoxarife do almazem e mantimentos de lixboa E por aver tempo que seruya o dyto ofiçio nam se contentaua Jaa de o seruyr E pedia a elRey que lhe deese de comer E algũa outra coussa ElRey lhe dise *pero* Rossado vos pedys de comer soees <vos> almoxarife dos almazẽes e mantimentos E elle dise *Senhora* ssãao E temdes vos pãao carne e peixe e *vinho* e azeite e vynagre e outras coussas de que podees comer ho que quyserdes dise *pero* Rossado *senhora* sy pois comey e bebey e fartayuos E não furtees nem peçaaes de comer // [fol. 237v] pois ho temdes tão bem parado que eu nam dou os ofiços a homẽes que me servem senãoo pera deles comerem a sua vontade E elle lhe beiJou a mão E nam curou mais de Requer [sic] que lhe desse de comer E per esta maneyra era ElRey Larguo em suas coussas E nos ofiços E carguos que daua a seus criados que queria que delles se aprouetassem como de suas *proprias* E não se estreytaua mais cõ as cousas como cada vez se agora mais estreyta

De algũuas Reprensõees que elRey costumaua Repremder o *príncipe* seu *filho* dõ afonsso *que* santa gloria aja

Era ElRey tam Inclinado E tam deuoto de o *príncipe* seu *filho* parecer homem E Robusto em todallas coussas suas a todo ho mũdo que todallas maneyras buscaua pera / [B] se parecer com elle E não tam soamente a Repreensão E ensyno que lhe daua em homem mas em menyno de cimquo sseis sete annos o fazia sser homem E estamdo hũ dia o *príncipe* com sseis ou ssete moços fidalguos delles de sua Jdade E outros de mais algũu tanto com hũa baçia daugua diante de sy E todos metião a cabeça dentro atee os olhos E teesta naugua E diziam ao prynçepe que a metesse asy como a eles metião E elle cõ Reçeo e medo ha não queria meter E cometia por vezes pera a meter e tornauasse com Reçeo E neste aueto *que* elles fazião ElRey seu pay hos estaua Espreytãdo E quamdo vyo *que* ho *príncipe* aReçeaua meter o Rosto como hos moços fidalgos fazião ffoy por detras delle muyto paso E tomou-lhe a cabeça com a mão E meteolha duas ou tres vezes toda ate o pescoço naugua dizemdolhe metea muyto E ara ma metea [sic] que tambem vos sooes *filho* de homem como eles E se mais aReçeaes de a meterdes E fazer // [fol. 238r] des todo ho que eles fizeram prometouos *que* vos ey de meter em hũ poço que vos de aaugua polla cabeça E tanto me daraa que vos afoguees nelle pois quereis ser couardo E asy que em tudo o *que* podia lhe amostraua que fosse homem E nam como os dagora deste tenpo *que* sam homẽes

de preffumes que numqua se acharão nem Enxeerguarão em elRey que santa gloria aja *que* tão Jnteiro homem era em tudo

De como começaram as graças seperadas

Elrei dom *afonso* e os Reix dante delle pagauão a seus moradores os casamêtos Juntamente Em hũa so pagua E no tempo das guerras de castella por elRey dom *afonso* ter muyta neçesidade de *dinheiro* nam pode pagar muytos casamentos a muytas pessoas que os tinham tirados avya dias E assentou de não pagar *nenhũ* E dise aos homẽes a *que* os devya *que* lhe prazia que emquanto / [B] lhe não paguase hos ditos casamentos lhe fazerem cada hũ anno graça de dez myl *Reais* por cada myl coroas E diz graça porque atee então hos Reix diziam fazemos graça E não fazemos merçe como agora se diz hos *quæes* dez myl *Reais* avyam daver Emquanto lhe nam paguasse as coroas do tal casamento E porque as ditas graças eram merçes pagauão e paguão oJe em dia chancelaria E depois da morte delRey dom *afonso* nestas cortes Em montemoor foy ElRey muy Requerido pollos pouoos que nam deese mais as taees graças porque hião de maneyra peera pagar muyto dinheiro em cada hũ anno E asy que todas as que elRey seu pay tinha dadas tirase e dessemphenasse porque estaua metido em muyta despesa ElRey prometeo aos pouos de não dar mais as ditas graças dahy em diante E de ter maneyra de como os homẽes podessem *aver* paguamento de seus cassamentos E então hordenou que os casamentos gramdes fossem paguos em tres terços e tres annos hũ terço em cada hũ anno E os casamentos de myl coroas atee *quinhentas* fossem paguos em duas metades e dous annos E os de *quinhentas* coroas e dahy pera baixo fosem paguos Juntamente em hũm anno como se ora faz E dise que quanto as graças *que* elRey seu pay tinha dadas que ficasem porquanto elle ao presente não tinha cõ *que* as desempenhar E os pouoos // [fol. 238v] Apertamdo nysso mamdarão dizer a elRey por Leterados que aquellas graças erão mal Leuadas E com conçiencia se não podião levar nẽ dar porque craramente era hussura nam podião levar a elRey guanho do que devia E elRey praticando nysso por lhe dizerem que era asy por descarguo de conçiencia suplicou ao papa que ouuesse por bem de dar as taees graças Emquanto nam podesse pagar os ditos casamêtos E ao padre ssanto haprouue disso com tal comdição que quamdo se paguasse o casamento por morte do marido ou molher tanto que fosse separado lhe fosse tirado e descontado da dita graça ha *quinta* parte della comvem a saber de xx *rreais* qoatro myl e ficase em xbj E de xxv cimquo myl e ficase em xx E a este Respeito asy A qual *quinta* parte avya de ficar a elRey haJmda que a graça fosse do marido e morrese a molher hou pollo contrayro como se apartasse o matrimonyo loguo ficasse [*sic*] separadas E porque no breeue do samto padre vinha esta palaura de separadas E daly ficou atee guora E as do Jfante dom fernamdo não são desta qualidade que amdãao em nome de tenças porque as daua Loguo em tenças E por Jssõ não pagão chancelaria E as outras sy porque erão merçes E es / [B] tas graças E separadas hamdauão em Liuro apartado per ssy E elRey mãdou ajuntar ao lvyro da fazemda no anno de myl e iiijc xxx biiij anos [*sic*]

Do Que aconteceu aelRey dom Joham com Lopo da cunha fidalguo muyto prinçipal e seu *trinchante* a sua mesa

Estamdo elRey hũu dia a mesa comemdo tam tarde que erão casy duas oras depois de meyo dia no verãao como elle costumaua os mais dos dias comer E comemdo muyto devagar contaua estamdo hũa estoria de sallamão muyto *conprida* na volta do comer E lopo da cunha seu *trinchante* por ver que elRey asy se daua devagar E como atreuydo e cheo de priuança lhe dise *senhor* outra coussa tinha elRey Salamão pera se comtar muyto mylhor e muyto boa que era que sempre comya aaos oras devydas E daua muyto boa vyda aos seus E elRey com muyo Rissõ lhe disse que por amor delle comeria sempre mais cedo E acabou de comer com muyto Rissõ da graça // [fol. 239r] e supito de Lopo da cunha E dahy por diante sempre lhe perguntaua se comeria Jaa E esta era a simgullar comdição e Real sofrimento delRey que a hũu seu oficial sofrya o *que* muytos lhe nam ousauão dizer por sua grande grauydade e gramdeza Real

Do Que aconteceu a elRey cõ o comde de borba em euora

Armouse hũu aRoydo a porta do paço delRey em euora fora e dentro na salla de dia E o capytam dos ginetes Fernão martiz mazcarenhas com Reção das trayçõees que forão pouço avia deytou a gente que estaua na salla polla porta E ayres da silua camareiro moor delRey ffechou a poorta de hũa camara Em que elRey estaua por foora E posese Encostado a ella cõ hũa espada e adargua aRimado E neste tenpo e Jstante acodio ho comde de borba dom vasquo Coutinho ao aRoydo E bateo aa porta da salla muyto RiJo E o capitão dos ginetes <o deixou entrar> E o comde comecamdolhe a pergũtar que cousa era aquella E elRey bateo a porta da camara homdee e ayres da silua tinha fechado dizemdo muyto alto e muyto RiJo / [B] que lhe abrisem E ayres da silua lhe nam querya abrir por ho aRoydo aJnda ser muyto grande E Entam bateo ElRey muyto mais agastado E lhe abryram E foyse contra o comde de borba dizemdolhe comde que he Jsto dizendo-lhe o conde que não era nada E elRey lhe disse conde como vos ouuy falar cuydando que era este aRoydo com vosquo me lembrou que ha pouquos dias que vos me destes a vyda E eu vinha polla mynha por vos se comprisse E estes erão os gualardões que elRey dom Johão daua e mostraua a quem os deuia que os não podia neguar nem Encobrir

E dahi a poquos tempos se açertou que hũu azemeel do comde lhe furtou hũa taça de prata gramde ha qual lhe foy loguo achada E o comde supitamẽte sem se mais deter nam mays nada cuydar ho mamdou Enforçar com pregão seu E cuydando no que fezera sem no poder fazer E tambem por seus parentes E amyguos ho Repremderem disso E lhe afearem o casso como era Rezam lhe aconselhauão que se fosse foora do Reino pera castella ou outra qualquer parte E elle comde estaua Jaa no mesmo preposyto e determynação de sse hir e loguo ffoy ElRey disse ssabedor e // [fol. 239v] muyto a pressa lhe escreueo que loguo vyesse a elle e outra coussa nam fezeese desconfiamdo todos delle tal fazer e não vyr E todos cuydarão que numqa ousase vyr diante delRey Elle comde tamto que a vio a carta delRey loguo com certos de cauallo se veyo a corte<sup>195</sup> E elRey o Reçeeo muy benynamente E o mamdou para arzilla por certos annos degradado E que fosse com certos de cauallo E dahi a pouço tenpo lhe deu arzilla E a capitanya della perpetua E asy que o casso acontecido do azemel ffoy caussa de ser capitam E *senhor* da dita vylaa por conhecer delle conde ser pera muyto<sup>196</sup>.



---

<sup>195</sup> Palavra escrita por cima de palavra anterior.

<sup>196</sup> Segue-se, pela mesma mão, o «trelado de hũa carta que elRey dom Joham mamdou a dom dieguo dalmeida que depois foy prior do crato em portugual estamdo cercado elle e outros muytos fidalguos principaaes destes Reinos de portugual e algarue no castello da graçiossa no Reino de feez Estamdo elRey na cidade de tauyra no algarue fazemdose preestes pera lhe hir sobcorrer em pessoa»

## FICHA TÉCNICA

### **Título**

*Fragmenta Historica – História, Paleografia e Diplomática*

### **ISSN**

1647-6344

### **Editor**

Centro de Estudos Históricos

### **Director**

João José Alves Dias

### **Conselho Editorial**

João Costa: Licenciado em História pela FCSH/NOVA. Mestre em História Medieval pela FCSH/NOVA. Doutorando em História Medieval na FCSH/NOVA

José Jorge Gonçalves: Licenciado em História pela FCSH-NOVA. Mestre em História Moderna pela FCSH/NOVA. Doutor em História Moderna pela FCSH/NOVA

Pedro Pinto: Licenciado em História pela FCSH/NOVA

### **Conselho Científico**

Fernando Augusto de Figueiredo (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Gerhard Sailer (Diplomatische Akademie Wien)

Helga Maria Jüsten (CEH-NOVA)

Helmut Siepmann (U. Köln)

Iria Vicente Gonçalves (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

João José Alves Dias (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Jorge Pereira de Sampaio (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

José Jorge Gonçalves (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Julián Martín Abad (Biblioteca Nacional de España)

Maria Ângela Godinho Vieira Rocha Beirante (CEH-NOVA)

Maria de Fátima Mendes Vieira Botão Salvador (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

### **Design Gráfico**

João Timóteo

### **Índices**

João Costa

### **Imagem de capa**

Carta régia de D. Manuel I, assinada por D. Martinho de Castelo Branco, Lisboa, 1511.06.06 (ANTT, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 10, nº 45, código de referência: PT/TT/CC/1/10/45).



## SUMÁRIO

**Imagem da capa: Em torno da assinatura das cartas régias, p. 7**

João Alves Dias

## ESTUDOS

**A Evolução da Assistência aos Expostos durante o Século XIX no Distrito de Leiria, p. 11**

Kevin Carreira Soares

## MONUMENTA HISTORICA

Diogo Faria, Filipe Alves Moreira, João Costa, José Jorge Gonçalves, Miguel Portela, Paulo Paixão, Pedro Pinto

**Instrumento público de partilha dos bens entre Julião Eanes e Catarina Domingues (1396), p. 39**

**Testamento de Maria Vasques, moradora no Redondo (1396), p. 43**

**Carta de sentença sobre o direito de relego no lugar de Avô (1399), p. 47**

**Traslado em pública forma do testamento de Gonçalo Eanes da Silveira (1411), p. 51**

**Carta de contrato anual para o ofício de sineiro do Mosteiro de S. Vicente de Fora (1412), p. 55**

**Prestação de serviço de Estêvão do Couto (1412), p. 57**

**Contrato de fretamento de um baixel por parte de D. João (1416), p. 59**

**Venda de Herdade em Vale de Figueira (Évoramonte) (1424), p. 63**

**Demarcação de Herdade em Évoramonte (1424), p. 65**

**Contrato de serviço anual de caseiros na granja de Alenquer (1433), p. 67**

LISBOA

2015

**Carta de D. Duarte a Fernan D' Alvarez del val de Corneja (1434), p. 69**

**Doação de direitos da Coutada de Pedra Alçada (1436), p. 71**

**Carta de D. Afonso V ao Conde de Alba (1461), p. 73**

**Doação de bens de D. Isabel de Castro e de D. Maria a D. Filipa, prima do Rei D. Afonso V (1466), p. 75**

**Carta de D. Afonso V de confirmação de privilégio a João Rodrigues (1481), p. 79**

**Carta de D. João II ao Duque de Alba (1483), p. 81**

**Aforamento de Herdades em Tavira (1484), p. 83**

**Aforamento de Olival em Elvas (1499), p. 87**

**Emprazamento de casal em Vilarinho de Cotas (1502), p. 91**

**Rendimento do Algarve no ano de 1508 (c. 1509), p. 93**

**Carta de D. Manuel I a Gonçalo Fernández de Córdoba (1512), p. 95**

**Aforamento de Vinha em Tavira (1522), p. 97**

**Minuta de instruções régias para uma embaixada a Itália (ant. 1538), p. 99**

**Episódios do reinado de D. João II num manuscrito do Palácio da Ajuda (1538), p. 115**

**Doação e repartição dos bens de Bento Pereira de Araújo (1664), p. 129**

**Contrato de arrendamento dos oitavos de Vila de Figueiró dos Vinhos (1674), p. 133**

**Carta sobre o pagamento e a revisão da impressão das constituições de Goa (1794), p. 137**

**Carta sobre a edição das constituições de Goa (1798), p. 141**

**Pedido para pagamento da impressão das constituições de Goa (1807), p. 143**

**Recibo de quantia paga para impressão das constituições de Goa (1807), p. 145**

## ÍNDICES

Índice cronológico dos documentos publicados neste número, p. 148

Índice antroponímico e toponímico deste número, p. 151

## EDITORIAL

O presente número da *Fragmenta Historica*, o terceiro da sua série, dá especial relevância à publicação de documentos manuscritos, o que se pode considerar normal numa publicação periódica que tem como subtítulo: *História, Paleografia e Diplomática*.

Embora a História não seja apenas feita com documentação manuscrita, a maioria dos estudiosos dá, aparentemente, mais valor ao documento manuscrito e, dentro deste grupo, aos documentos escritos em pergaminho. É que se normalizou o pensamento para induzir que a documentação importante se escrevia nesse material, porque não era tão perecível como o papel. É certo que a base está certa para os tempos mais recuados da denominada medievalidade europeia. O papel (feito a partir dos velhos trapos) era menos resistente à humidade. Assim, um contrato ou um testamento – que certamente teria de ser mostrado ao fim de largas dezenas de anos – tendencialmente era escrito em pergaminho. Outro fator prendia-se com a qualidade da tinta que ainda não deslizava – sem esborratar – com a mesma facilidade, nos dois materiais. Mas o material mais original tem naturalmente tendência para ir aparecendo escrito sobre papel. Se não aparece mais nesse material é pela sua escassez. A partir do século XV, o espontâneo e o efémero são praticamente apenas escritos sobre papel. Mas a grande massa dos documentos desse período que não se encontra registada em pergaminho, ainda está longe de ser classificada e conhecida. Assim, a História, conforme souber fazer interrogações diferentes, vai ter ainda muito para descobrir.

A riqueza da documentação presente neste número da *Fragmenta Historica* prende-se, ainda, com a origem dessa documentação. Uma parte substancial desta documentação teve origem nos arquivos particulares e estiveram à venda em leilões e livrarias. Alguns continuam em casas particulares mas outros foram resguardados da destruição no Centro de Estudos Históricos – uns comprados, outros doados e outros em depósito. Mas mesmo os documentos aqui agora publicados que se encontram em arquivos públicos, como o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, eram na sua essência desconhecidos porque se encontram “encerrados” em códices de grandes dimensões, sem índices, o que dificulta o seu conhecimento. Por exemplo, a documentação do livro de notas de Afonso Guterres, tabelião do Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa, revela-nos pormenores do quotidiano esquecido, em especial a quantificação do valor do trabalho. Mas o recuperar uma carta-régia portuguesa que estava «perdida» e afastada da investigação portuguesa – carta de D. Manuel I, datada de 1512, assinada pela sua mão – porque se encontrava em Madrid, no Archivo y Biblioteca de Francisco Zabáburu, complementa o tema tratado na capa deste mesmo número, mas o facto de não ter mencionado o nome do escrivão pode tornar a carta mais interessante.

No tratamento das fontes e no recriar da História apresenta-se uma incursão sobre os expostos do município de Porto de Mós, ao longo do século XIX.

Foram vários os trabalhos propostos para publicação. Uns não correspondiam às orientações que o Conselho Editorial entende, e bem, que a Revista deve ter. Outros encontram-se ainda em apreciação pelos «pares» ou em revisão depois dessa apreciação. Quer aos revisores quer aos autores a direção agradece a boa vontade e os esforços despendidos. Sem eles a revista não poderá alcançar as metas que deseja: a da credibilidade e a da afirmação no meio Científico.

João Alves Dias



## IMAGEM DA CAPA

Em torno da assinatura das cartas régias

João José Alves Dias

São várias as inquietações que têm acompanhado a investigação elaborada nos diferentes projetos em torno da produção da designada *Chancelaria Régia* que temos elaborado e coordenado no Centro de Estudos Históricos, nomeadamente para a publicação das coleções *Chancelarias Portuguesas* e *Cortes Portuguesas*.

Uma inquietação (a primeira) que sempre acompanhou toda a investigação em que a produção da Chancelaria Régia – que tudo produz em nome do Rei – foi confrontada, era a de saber se os documentos dela emanados tinham sido, ou não, elaborados em conselhos régios, com a presença régia.

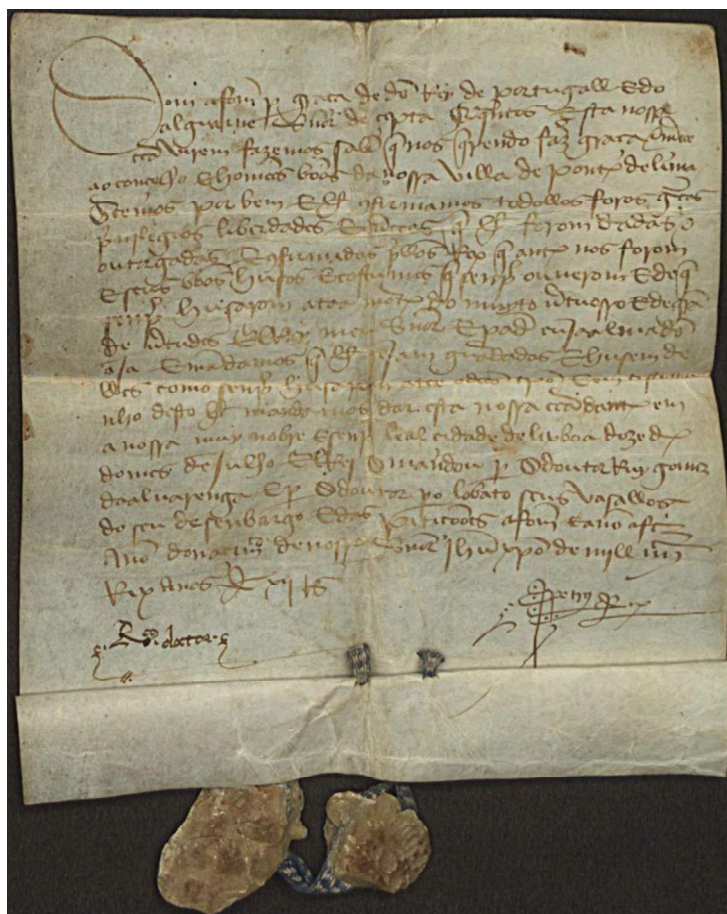
Muitas das incongruências que, por vezes, foram apontadas – quer na elaboração de itinerários régios quer na indexação cronológica da própria documentação – devem-se antes ao facto do historiador tomar conhecimento de determinado ato não por um documento original mas antes pelo seu registo na Chancelaria Régia.

Comumente partia-se do princípio que quer a Carta quer o Alvará régios eram produzidos por determinação do monarca. Temos, hoje, a consciência que a maioria, senão mesmo a totalidade, da

documentação – dita régia – que inclui a expressão «*el Rei o mandou*» corresponde a uma prévia delegação de poderes e que o monarca esteve fisicamente ausente na sua produção (embora teoricamente por ela seja responsável). Assim, existem antes *cartas régias* que foram emanadas pelos diferentes serviços ou departamentos da Chancelaria – que na maioria das vezes acompanham, por perto, a itinerância do Rei, mas que, em outras vezes, se encontram distribuídos pelo diferente espaço físico do reino – que são «mandadas» fazer, a um mesmo tempo cronológico, mas em relação às quais o «rei» pode inclusive desconhecer a sua produção. Essa documentação foi elaborada pelo membro, ou membros, do conselho ou do desembargo – com as mais variadas designações e variando entre um ou dois oficiais conforme o nível da documentação – responsáveis pela sua fiscalidade e execução (que essa delegação tinham recebido).

Depois de teorizada a hipótese, deixaram-se os «Livros de Chancelaria» e partiu-se para a documentação «régia» avulsa. Não encontramos nenhuma carta-régia assinada *per manu propria* do monarca desde que tivesse a expressão «el rei a mandou», ou similar. Em contrapartida, todas as cartas que não tivessem essa expressão encontravam-se assinadas com o autógrafo régio. Lembre-se que em qualquer dos casos aparece sempre expresso o nome do escrivão que a redigiu.

Observemos apenas alguns exemplos:



Ponte de Lima, Arquivo Municipal, Pergaminho 25  
(PT/MPTL/CPGPTL/0025)

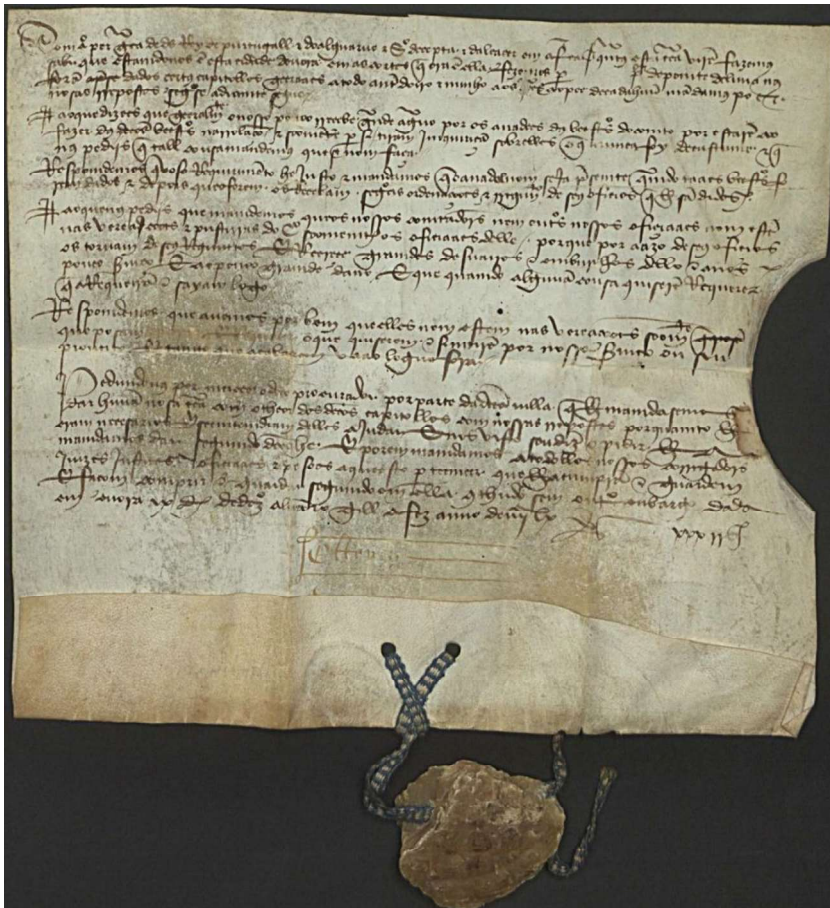
Dom afonso per graça de deus Rey de portugall e do algarue Senhor de cepta A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e merçee ao conçelho e homeens boons da nossa villa de ponte de lima Teemos por bem e lhe confirmamos todollos foros graças priuilegios liberdades e merçees que lhe forom dadas e outorgadas e confirmadas pellos Rex que ante nos forom e seus boons husos e costumes que sempre ouueram e de que sempre husarom ata a morte do muyto uirtuoso e de grande uirtudes El Rey meu Senhor e padre cula alma deus ala

e mandamos que lhe selam guardadas e husem delles como sempre husarom atee o dicto tempo e em testemunho desto lhe mandamos dar esta nossa carta

dante em a nossa muy noble e senpre leal çidade de lixboa doze dias do mes de Iulho El Rej O mandou per O doutor Ruy gomez d aaluarenga e per O doutor pedro lobato seus vasallos do seu desenbargo E das Pitiçoões afomso eannes a fez Anno do naçimento de nosso Senhor **lesu christo** de mjll iiii<sup>o</sup> R ix Annos • xij Reaes

a) Rodericus doctor

a) Petrus



Ponte de Lima, Arquivo Municipal, Pergaminho 30  
(PT/MPTL/CPGPTL/0030)

Dom afonso per graça de deus Rey de purtugall e do algarue e Senhor de cepta . e d alcaçer em africa A quantos esta carta virem fazemos saber que estando nos em esta cidade d euora em as cortes que

ora em ella fezemos per [1] *procurador* de pomte de lima nos foram [2] dados certos capitollos geeraaes a todo antre doiro e minho aos quaaes ao pee de cada huï mandamos por nosas rrepostas *segumdo* se a diamte segue.,

Item ao que dizees que geeralmemte o nosso pouoo rreçebe *grande agrauo* por os anadees dos beesteiros do comto por estarem ao fazer dos *díctos* beesteiros na rrolaçom e somente per si tiram Imquiriçam sobr elles o que nunca foy de costume e que nos pedijs que tall cousa mandemos que se nom faça .,,

Respondemos que voso Requirimemto he lusto e mandamos que o anadel nom sela *presemte* *quamdo* taaes beesteiros forem dados e depois que o forem . os Recebam . *segundo* as ordenações e rregimemto de seus officios que lhe sam dados •

Item ao que nos pedijs que mamdemos que os nossos comtadores nem outros nossos ofiçiaaes nom estem nas vereações e pusturas do *Conçelho* soomemte os ofiçiaaes delle ., porque per aazo de seus officios os toruam de seus Regimemtos E Recreçe grandes desuairos e emburilhos dello e a nos pouco seruiço e ao pouoo gramde dano , e que *quamdo* alguïa cousa quiserem Requirer que a Requeiram e sayam logo .,

Respondemos que auemos por bem que elles nom estem nas vereações soomemte [3] que posam emtrar E Requirer o que quiserem . e semtirem por nosso seruiço ou seu proueito E tanto que acabarem vaao loguo fora.,,

Pedimdo nos por merçee o dicto *procurador* por parte da *dicta* uilla que lhe mamdasemos dar huïa nosa *carta* com o theor dos *díctos* capitollos com nossas rrepostas por *quamto* lhe mamdamos dar *segumdo* *dícto* he.

E porem mamdamos a todollos nossos corregedores luizes lustiças ofiçiaaes e pesoas a que esto pertemcer que lha cumpram e guardem E façam cumprir e guardar *segumdo* em ella . comthudo sem outro enbargo

dada em euora ix dias de dezembro aluaro gill a fez anno de iiiij<sup>c</sup> lx • xxx rreaes

a) El Rey

E, por fim, o documento da capa [Lisboa, A.N.T.T., Corpo Cronológico, Parte I, mc. 10, n.º 45]:

Dom manuell per graça de *deus* Rey de purtugall e dos algarues daquem e dalem mar em africa *Senhor* de *guinee* etc. mamdamos a vos *Recebedor* da sysa do trigo da nosa Çidade de lixboa e ao stpriuam dese ofiço que do Remdimento della deste año presente de b<sup>c</sup> xj, deis a *Senhora Rainha* dona lianor minha Irmã dozentos e trimta seis mill *reaes* que lhe mamdamos dar e o dito anno de nos ha d aver de suas temças, Dos quaes lhe vos fazee bom pagamento

e per esta nosa carta com o *conhecimemto* do ofiçiall ou pessoa a que os a dita *Senhora* mamdar emtreagar., mamdamos que vos sejam leuados em Comta,

dada em lixboa a bj dias de lunho El Rey o mamdou per dom martimho de castel *bramco* etc do seu *comselho* e vedor de sua fazenda, *diogo vaasquez* o fez de mil e b<sup>c</sup> xj •

dom martijnho

---

<sup>1</sup> Espaço em branco no original; destinava-se a colocar o nome do procurador.

<sup>2</sup> Riscado: «*aprese*».

<sup>3</sup> Riscado: «*que pesam*».